

Mia Couto: uma *escrita na voz* – aprendendo com a chuva...

José Paulo Pereira* 

Introdução

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o sexto dos romances da autoria de Mia Couto (2004), há uma noção de escrita que nos interessa abordar. De facto, embora ligada à personagem do Avô Dito Mariano, ela parece-nos, contudo, dar corpo – ainda que pela sua boca – a um dos princípios da poética do autor. Em que termos? Numa daquelas misteriosas cartas que, a Mariano, chegam – já redigidas com a sua própria caligrafia... – eis como a ideia de escrita nos é apresentada:

Estas cartas são o modo de lhe ensinar o que você deve saber. Neste caso, não posso usar os métodos da tradição: você já está longe dos Malilanes e seus xicuembos¹. **A escrita é a ponte entre os nossos e os seus espíritos.** Uma primeira ponte entre os Malilanes e os Marianos. (COUTO, 2004, p. 125-126, sublinhado nosso).

Ora, porque não pode o Avô servir-se, aqui, dos métodos da tradição? Porque Mariano a desconhece já: “você já está longe dos Malilanes e seus xicuembos” (COUTO, 2004, p. 125). Fora, de resto, o próprio Avô quem, anos atrás, à sua despedida – estando Mariano de partida para a cidade – o advertira. E é precisamente quando este o procura tranquilizar: “– *Eu volto, Avô. Esta é a nossa casa*” (COUTO, 2004, p. 45), que o Avô Dito Mariano reage:

– *Quando voltares, a casa já não te reconhecerá* – respondeu o Avô. O velho Mariano sabia: quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retorna. Aquele não seria o lugar das minhas cinzas. Assim fora com os outros, assim, seria comigo. (COUTO, 2004, p. 45).

E, de facto, como Mariano acaba por nos confessar: “Enquanto estudante liceal eu visitava a Ilha com frequência. Depois, essas visitas foram escasseando, até que deixei de vir” (COUTO, 2004, p. 45). Ora, Mariano é, neste seu talvez último regresso a Luar-do-Chão, já estudante universitário (COUTO, 2004, p. 16). E é nessa sua condição – que é também a de ser um cidadão: já moldado pelas exigências de uma cultura diferente, afeito a outros hábitos – que ele, agora, regressa, respondendo aos apelos de uma família em luto. O velho Mariano está na sala. É a divisão da casa a que, conforme ditavam os preceitos da tradição (COUTO, 2004, p. 28-29), a família mandou retirar o teto. Pois “o luto ordena que o céu se adentre nos compartimentos, para limpeza das sujidades cósmicas” (COUTO, 2004, p. 28).

* Doutoramento pela Universidade do Algarve (UAlg), Faro, Portugal. Professor Doutor da Universidade do Algarve (UAlg), Faro, Portugal. *E-mail*: jplmcpereira@gmail.com

¹ JUNOD (1913, p. 347-348): “Any man, who has departed this earthly life, becomes a *shikwembu*, a god. [...] Bukwembu is the ‘power, which creates life and death, which gives riches, or which makes poor’”.

Que acontecera, então, a Dito Mariano? O que o pusera naquele estado “cataléptico” (COUTO, 2004, p. 36) – conforme o diagnóstico do médico goês Amílcar Mascarenha? Quem tudo lhe conta é a sua Tia Admirança, a mulher por cujos “seios provoquentes” (COUTO, 2004, p. 30) – o termo fora de seu Avô (COUTO, 2004, p. 30) – ele se nos confessa atraído. Diz Admirança:

– *Essa foto já está tão velha! [...] Me custa olhar essa imagem. Pois foi assim que seu Avô se apagou. / – Foi assim como? / – Quando tirámos o retrato. Me custa ainda recordar. [...]* Disparam-se as máquinas, deflagram os flashes. Depois, todos risonhos, se recompuseram e dispersaram. Todos menos o velho Mariano. (COUTO, 2004, p. 57).

E depois? O que sucederia, depois? “Chamaram-no. Nada. Ele permanecia como que congelado, o mesmo sorriso no rosto fixo” (COUTO, 2004, p. 57). Esse seria o mesmo sorriso – aquele então congelado pelos flashes – que Mariano agora nele vê, com ele deitado sobre a mesa: “um riso [como que] lhe transflora nos lábios. Como se fosse uma vigília às avessas, como se ele, divertido, nos presenciasse já falecidos” (COUTO, 2004, p. 42). O que nos antecipa os termos da missão de que Mariano se veria incumbido. Posto que se trataria, então, de resgatar a família Malilane do “desmérito do [seu] viver” (COUTO, 2004, p. 64). Assim, a morte se lhe revelaria, então, nesta espécie de fotográfica paralise. A de um ser detido numa expressão cuja *iteração*, ao rosto, o desloca agora – num espaçamento a perder de vista... – para outros sentidos. Mariano observa-o, nessa sua estranha sobrevida, enquanto lhe transcorrem memórias, vindas de outros tempos:

Ali se exhibe o Avô, todo estrelinhado. Ele que nunca dormira senão no chão está agora todo escarrapousado numa mesa mais magra que ele. [Dito] Mariano sempre se defendeu de adormecer em leito. Cama era só para namorar. Conforme dizia: incorre-se no risco de cair ou, ainda pior, de nunca mais descer. *Preferia ter a terra toda por cama.* (COUTO, 2004, p. 42, sublinhado nosso).

Caberia, então, perguntar: o “Dito” inscrito no nome do Avô – não será, ele, afinal, a expressão de uma espécie de desmentido? A manifestação de alguma sorte de reserva, talvez? O velho Mariano mantém-se, com efeito, ligado às suas raízes culturais. E elas mergulham numa matriz que, diferentemente da portuguesa, diz respeito aos seus costumes rurais mais antigos. É isso que explica a sua resistência à ideia de adormecer sobre a estrutura tabular de uma cama. E justifica, também: quer *a*) a sua recusa em servir-se da banheira: “para Dito Mariano, a banheira era outra espécie de cama. Se havia que se lavar, ele queria a água bem viva, a correnteza do rio, o despenho da chuva.” (COUTO, 2004, p. 42) – quer *b*) o seu persistente hábito, de pendurar o casaco num gancho, ali pendente do teto, tal como outrora, “nas palhotas, lá no campo” (COUTO, 2004, p. 224):

Entre os maneirismos de Mariano havia esse que era ele nunca usar o guarda-fato para pendurar o seu único fato escuro. *Pendurava-o num gancho do teto como se faz com as roupas nas palhotas, lá no campo.* A todos nós aquilo fazia espécie: com armários embutidos na parede, varões e cabides a descontar pelos dedos, que sentido fazia manter roupa suspensa do teto? (COUTO, 2004, p. 224, sublinhado nosso).

A sua misteriosa invocação da *escrita* – como uma primeira *ponte*: entre os espíritos dos Malilanes, aos quais se diria que o Avô pertence, e os espíritos dos Marianos, de entre os quais também estaria Mariano, se destes espíritos fazem, igualmente, parte os vivos – deve, portanto, suscitar-nos uma primeira interrogação. Pois que o Avô Dito Mariano *não sabe escrever* – como, mais adiante, verificaremos (COUTO, 2004, p. 149). Isto, se aqui nos estivermos a referir, em sentido estrito, à escrita como operação gráfica de inscrição alfabética dos sons da fala. *Nem ler* – se por leitura se entende, em sentido igualmente estrito, a operação de decodificação ou articulação fonética da inscrição grafemática. Como fazer assentar, então, o pilar dessa *primeira ponte*, na margem dos Malilanes? Repare-se que o Avô ali nos diz: “**Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas.**” (COUTO, 2004, p. 64; sublinhado nosso). Ao que acrescenta, todavia, logo a seguir:

É por isso que você visitará estas cartas e encontrará, não a folha escrita mas **um vazio que você mesmo irá preencher, com as suas caligrafias**. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, **você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura** (COUTO, 2004, p. 65, sublinhados nossos).

Quem é, portanto, o sujeito de escrita / de fala destas cartas? Porque é que a escrita nos aparece aqui, apesar de tudo, já aberta às benfazejas virtudes desta saliva? Que *feridas da boca* serão estas que é, aqui, preciso curar? Para que esta salvífica *escrita-ponte*, a ambos os espíritos – os dos Malilanes e os dos Marianos – os ligasse, não seria, então, preciso que a concebêssemos, também, do “outro lado das palavras”? Em que medida se tornará, aqui, esta escrita, numa *escritura*²? Em que sentido se dissociariam ou sobreporiam, aqui, escrita e oralidade? A posição do Avô Dito Mariano parece-nos sugestivamente ambivalente. Porque? Porque, nestas suas cartas, se poderia também ler:

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. [...] Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si. **Sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de conta que são cartas que nunca antes escrevi.** Leia mas não mostre nem conte a ninguém. (COUTO 2004, p. 56, sublinhado nosso).

Que cartas serão estas, então, que o Avô Dito Mariano lhe promete vir a escrever – “sempre que for o caso” (COUTO, 2004, p. 56)? Que cartas serão, se o Avô lhe pede que: “faça de contas que são **cartas**

² O termo “escritura” parece *jogar* aqui, num espaço que é o da comunidade dos países de língua portuguesa, sobre uma certa ambivalência de sentido: aquela que o faz oscilar entre a inscrição do neografismo “escritura” – que traduz, em português do Brasil, um certo conceito da escrita como *écriture*, provindo da desconstrução e, em suma, da teoria do texto – e o acolhimento, em português europeu, da palavra “escritura”, agora referida à “Sagrada Escritura”. Veja-se, a propósito deste último sentido, Derrida (2013, p. 136), onde se poderia ler, por exemplo, a propósito da história de Abraão e Isaac, e do “Perdão por não querer dizer...” que é abordado mais à frente, no capítulo “A Literatura no Segredo”: “na prega [*pli*] deste momento abraâmico ou ibraâmico [o momento do segredo de Abraão, quanto à instrução de Deus, heterónoma à lei dos homens, para que sacrifique seu filho, Isaac], redobrado pelas duas outras ‘religiões do Livro’, na reprega [*repli*] deste segredo sem fundo se anunciaria a *possibilidade* da literatura. A sua *possibilidade* e não o evento da sua *instituição*, o seu alojamento estrutural, mas de todo ainda não o que *institui* [*met en l’État*], conferindo-lhe um estatuto sob este nome – sequência moderna ou velha de alguns séculos apenas”.

que nunca antes escrevi”? Como seria possível **escrevê-las sem**, contudo, **as ter escrito**? Saberá, o Avô, escrever? Será esse um dos seus saberes? Como conceber que ele esteja, simultaneamente, *por dentro* ou *por fora* desta estranha (epistolo)grafia? Porquê estranha? Porque, a Mariano, as cartas lhe surgem, misteriosamente, como que já escritas, redigidas pelo seu próprio punho:

Enquanto [no quarto] espalho roupas que trazia amarfanhadas na mochila, *noto que há uma folha escrita por cima da secretária*. Leio intrigado: [...] Quem escrevera aquilo? Quando tento reler uma tontura me atravessa: *aquela é a minha própria letra com todos os tiques e retiques. Quem fora então?* Alguém com letra igual à minha. Podia ser um, entre tantos parentes. Caligrafia não é hereditária como o sangue? (COUTO, 2004, p. 56, sublinhados nossos).

A ponte elevadiça: a margem dos Malilanes...

Será, contudo, este tipo de interrogações – aqui marcado pelo uso da conjunção *alternativa* e, em particular, *disjuntiva exclusiva*³: “ou... ou...” – o mais adequado, em se tratando de avaliar a posição do Avô, em relação à escrita? A pergunta parece-nos pertinente. Porque o Avô Dito Mariano nos parece, aqui, *duplamente inscrito*: *quer por dentro quer por fora* daquilo a que aqui se chama *escrita*. Trata-se, aliás, de uma escrita cuja expressão passa pelo *vazio que, na página, Mariano haverá de preencher, com as suas caligrafias*. Talvez nos seja aqui oportuno um certo recuo. Uma breve digressão pelos textos de *inter(in)venção* de Mia Couto, antes de reentrarmos na leitura do romance. É que o autor tem, em “Quebrar Armadilhas”, uma subsecção em que nos adverte contra os perigos de: “A armadilha da hegemonia da escrita” (COUTO, 2009, p. 107). Como entender, então, esta hegemonia, nas suas implicações? Eis o que aí nos diz:

Uma terceira armadilha é pensar que a sabedoria tem residência exclusiva no universo da escrita. É olhar a oralidade como um sinal de menoridade. Com alguma condescendência, é usual pensar a oralidade como património tradicional que deve ser preservado. *O culto de uma sabedoria livresca pode contrariar o propósito da cultura e do livro que é o da descoberta da alteridade*. (COUTO, 2009, p. 107, sublinhado nosso).

Eis o perigo! Aquilo a que aqui se chama *universo da escrita* pressupõe-na já como mera operação escriturária. A escrita seria, neste seu sentido hegemónico, uma operação pretensamente neutra, de um registo puramente representativo, absolutamente transparente, dos sons da fala. Como na conceção de Condillac – a que Jacques Derrida se refere, em “Signature évènement contexte” – também aqui:

L’histoire de l’écriture se conformera à une loi d’économie mécanique: *gagner le plus de espace et de temps par l’abréviation la plus commode; elle n’aura jamais le moindre effect*

³ Mateus et al. (2003, p. 566): “As conjunções *disjuntivas* ou *alternativas* propõem uma escolha entre os termos coordenados. [...] Se a escolha obrigar à selecção de um deles em detrimento do(s) outro(s), estamos perante disjunção *exclusiva*; no caso de os termos coordenados em alternativa serem compatíveis entre si, a disjunção diz-se *inclusiva*. A conjunção disjuntiva por excelência é *ou*.”

sur la structure et le contenu de sens (des idées) qu'elle devrait véhiculer. Le même contenu, auparavant communiqué par des gestes et des sons, sera désormais transmis par l'écriture [...]. (DERRIDA, 1972, p. 371, sublinhado nosso).

E é precisamente neste sentido metafísico – tão *fono-* / ou *logocêntrico* quanto *etnocêntrico* e, em particular, *eurocêntrico*... – que a escrita se assume com as suas ambições de *residência exclusiva do saber*. A condescendente menorização da tradição oral defluiria, portanto, desta sua pretensa superioridade: económico-mecânica. Em que sentido a deveríamos, no entanto, poder pensar, para que nela pudessemos fazer a “descoberta da alteridade” a que Mia Couto a liga? Em que poderia, ela, traduzir-se?

A imensa felicidade que a escrita me deu foi a de poder viajar por entre categorias existenciais. *De pouco vale escrever ou ler se não nos deixarmos dissolver por outras identidades, e não reacordarmos em outros corpos, outras vozes.* A questão não é a do domínio de técnicas de decifração do alfabeto. (COUTO, 2009, p. 107; sublinhado nosso).

Esta outra escrita se veria, então, orientada, pela seguinte injunção ética : “é fácil sermos tolerantes com os que são diferentes. É um pouco mais difícil sermos solidários com os outros. *Difícil é sermos outros, difícil mesmo é sermos os outros.*” (COUTO, 2004, p. 107; sublinhado nosso). E é aqui que o autor avança com uma singular sugestão:

É evidente que não se pode romantizar esse mundo não urbanizado. Ele necessita de enfrentar o confronto com a modernidade. O desafio seria alfabetizar sem que a riqueza da oralidade fosse eliminada. *O desafio seria ensinar a escrita a conversar com a oralidade.* (COUTO, 2009, p. 109; sublinhado nosso).

Afirmção que subtende esta outra, de Marianinho, quando este regressa, pela memória – ali posto diante do corpo estendido – ao seu passado com o Avô:

Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes mais antigas. Ainda que fosse uma romanteação das minhas origens mas eu, deslocado que estou dos meus, necessitava dessa ligação como quem carece de um Deus. (COUTO, 2004, p. 43-44).

A ligação entre os mundos da escrita e da oralidade passaria, portanto, por este “laço de orgulho nas raízes mais antigas” (COUTO, 2004, p. 44) – que é “*mais que um parentesco*” (COUTO, 2004, p. 43). Porquê “mais que um parentesco?” Porque se trata aqui de uma relação de complementaridade⁴. Uma

⁴ Socorremo-nos, aqui, do conceito derridiano de *suplemento*. Cf. Derrida (1967, p. 201-202): “Car le concept de supplément – qui détermine ici celui d’image représentative – abrite en lui deux significations dont la cohabitation est aussi étrange que nécessaire. Le supplément s’ajoute, il est un surplus, une plénitude enrichissant une autre plénitude, le *comble* de la présence. Il cumule et accumule la présence. [...] Mais [deuxièmement] le supplément supplée. Il ne s’ajoute que pour remplacer. Il revient ou s’insinue *à-la-place-de*; s’il comble, c’est comme on comble un vide”. A relação de complementaridade é, por

relação que, sublinhada pelo vínculo estabelecido por este “laço de orgulho”, nos aparece aqui reinscrita pela herança do nome próprio. Mariano seria já, neste sentido, *uma extensão viva* do Avô: “Dito Mariano”. O que, de resto, nos é sublinhado por seu Tio Abstinência, no fim do primeiro capítulo do romance, quando ambos se preparam para desembarcar na Ilha de Luar-do-Chão:

– *Agora que estamos a chegar, você prometa ter cuidado. / – Cuidado? Porquê, Tio? / – Não esqueça: você recebeu o nome do velho Mariano. Não esqueça.* O Tio se minguou no esclarecimento. Já não era ele quem falava. Uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: não apenas eu continuava a vida do falecido. *Eu era a vida dele.* (COUTO, 2004, p. 22, o último sublinhado é nosso).

Por outras palavras: Mariano é a instância simultaneamente representativa e deslocadora de um *suplemento*: a figura que, em lugar do Avô, virá a colmatar a sua ausência. Essa relação suplementar projetar-se-á, de resto, na forma edipiana como Mariano se nos haveria de mostrar fisicamente atraído pela mesma mulher que, no entanto, se verificará, lá para o final do romance, ter sido, não apenas a grande paixão de seu Avô Dito Mariano, mas também a sua própria mãe. Precisamente aquela em quem se habituara a ver, *apenas* a figura atraente de sua Tia Admirança (COUTO, 2004, p. 30; 57-58; 112; 146). Pois, como ele mesmo nos confessa: “Os botões do vestido, em desleixo, deixam vislumbrar seus seios volumosos. Estremeço. *Me custa confessar, mas a Tia Admirança me acende demais o rastilho.* Tantas vezes a recordo, mulherosa, seu corpo e seu cheiro” (COUTO, 2004, p. 58, sublinhado nosso). Isto até se lhe tornar claro quer *a*) a relação amante de Admirança com seu (pai-)Avô Dito Mariano (COUTO, 2004, p. 232), quer *b*) a sua filiação (COUTO, 2004, p. 235). Ora, por esta relação de extensão da figura do (pai-)Avô ausente, pela figura de seu neto(-filho) Mariano – por este nexo de suplementação: em que se sustenta o que aqui é “mais que um parentesco” – passará, também, o *suprimento*, em seu Avô Dito Mariano, *do lugar vazio da escrita*. Como lhe lembra a Avó Dulcineusa:

– *Vou sair, Avó. / – Não vá. Sente-se aqui, meu filho. Quero falar-lhe umas lembranças.* Lembra-me quando eu era mais miúdo, quando ainda residia na Ilha e minha mãe era viva. Desde que eu nascera o Avô Mariano me havia escolhido para sua preferência. Herdara seu nome. E ele, vaidoso, até me trazia às costas, que é coisa interdita para um homem. (COUTO, 2004, p. 45).

Trazê-lo às costas era já, portanto, uma espécie de metáfora de sustentação. Eram ambos como se fossem um mesmo corpo, um mesmo ser. Ou como se um andasse pelos pés do outro. Isto, ao mesmo tempo que o prolongasse e dele tendesse a destacar-se já, por uma (sobre)vida que, então, o futurasse. Ora, o sentido etimológico de *conversar*⁵ – verbo usado na sugestão acima avançada por Mia Couto –

consequente, não apenas de repetição / cumulação da presença, mas *também de substituição, de preenchimento ou suprimento de um vazio*. “Dois sentidos cuja coabitação” – como aqui diz Jacques Derrida – “é tão estranha quanto necessária”, visto que qualquer repetição da presença a desloca já de *si-própria*, nela pondo a descoberto o vazio que lhe é igualmente constitutivo. Não há presença que, ainda cega ao suplemento, não seja pois atravessada por um vazio que, por outro lado, todo o suplemento se destina a suprir.

⁵ *Conversar*, v. Do lat. *conversari*, ‘encontrar-se habitualmente num mesmo local; viver com; viver na companhia de; conduzir-se, comportar-se’, talvez pelo ant. fr. *converser*, ‘frequentar’, como antigamente em Port., Séc. XVI: ‘ver os modos que Afonso

remonta, para além do atual *falar com*, à noção de um certo *encontrar-se habitualmente num mesmo local*, um certo *estar* ou *viver com* ou *na companhia de*. O que nos deveria levar a perguntar: a que *escrita* caberia, então, esta coabitante *convivência*, este *viver com* a oralidade. A resposta reside, para nós, no pensamento do que se tem chamado desconstrução. Em “Dialanguages”, diz Jacques Derrida a A. Berger:

Tu parlais tout à l’heure du destin de la voix dans ce que j’écris; des gens un peu pressés ont pensé que la voix ne m’intéressait pas, seulement l’écriture. Ce n’est évidemment pas vrai. *Ce qui m’intéresse, c’est l’écriture dans la voix, la voix en tant que vibraton différentielle, c’est-à-dire la trace.* (DERRIDA, 1992, p. 150, sublinhado nosso).

Não espanta, portanto, que a primeira parte de *De la grammatologie* se intitule já: “A escrita *avant la lettre*” (DERRIDA, 1967, p. 9). Haveria, assim, *uma escrita antes da escrita: uma arqui-escrita*. Como observaria Charles Ramond, no *Dictionnaire Derrida*:

La première partie de la *Grammatologie* est intitulée de ‘L’écriture avant la lettre’. C’est pour Derrida une façon de dire ‘l’archi-écriture’: il y a l’écriture (c’est-à-dire, la communication dans l’absence et à distance) avant la lettre (c’est-à-dire avant l’invention des signes, alphabétiques ou non, qui ont servi aux hommes à ‘écrire’). (RAMOND, 2016, p. 37-38).

Umás vinte páginas adiante – ainda em *De la grammatologie* – haveria já de ponderar-se uma “*linguagem [que] é, em primeiro lugar*, num sentido que se desvelará progressivamente, escrita” (DERRIDA, 1967a, p. 54; sublinhado nosso)⁶. Como se compreenderia, então, que na fala se inscrevesse já uma *escrita “avant la lettre”*? A apreciação de Jacques Derrida, sobre o estudo etnológico de Claude Lévi-Strauss – nos seus *Tristes Tropiques* – nos ajudará a compreender essa noção. O tema central da “Leçon d’écriture” é, como se sabe, o da *interdição do uso dos nomes próprios*, entre os índios Nambikwara, no Brasil. Que nos diz, então, Jacques Derrida (1967b, p. 154)?

de Albuquerque tinha em casar os homens com a gente da terra, o gentio dela *conversar* a nossa Fé’, *Déc.*, II, 7, cap. 7, p. 342.” (MACHADO, 2003, p. 223). Estes sentidos vêm já do latim, conforme Meillet e Ernout (2020, p. 725-726), na entrada: “*uerto, -is, -ti, -sum, -ere* [e na subentrada] *uersor, (uorsor), -aris: se tourner ordinairement*; d’où ‘se trouver habituellement, demeurer, vivre parmi; être occupé de; êtres engagé dans, situé dans’ d’où ‘consister en’ (Cic.)”. A estes primeiros sentidos, averbados por José Pedro Machado e por A. Meillet e A. Ernout, se acrescentará, em José Pedro Machado, – com uma abonação retirada da comédia *Bristo*, de António Ferreira, obra escrita pela mesma altura, (cerca de 1553) – o sentido que ainda hoje reconhecemos como atual: “na mesma época já se documenta o sentido de ‘falar com’; ‘como, bebo, e rio, durmo meo sono em cheo, *converso* com meus amigos, jogo, tanjo...’, António Ferreira, *Bristo*, I, cena 2”. (MACHADO, 2003, p. 223).

⁶ Umás páginas à frente, em *De la grammatologie*, continuaria a poder ler-se: “*Il faut maintenant penser que l’écriture est à la fois plus extérieure à la parole, n’étant pas son ‘image’ ou son ‘symbole’, et plus intérieure à la parole qui est déjà, en elle-même, une écriture.*” (DERRIDA, 1967a, p. 65; sublinhados nossos). E ainda algumas páginas depois: “*Nous voudrions plutôt suggérer que la prétendue dérivation de l’écriture, si réelle et si massive qu’elle soit, n’a été possible qu’à une condition: que le langage ‘originel’, ‘naturel’, etc., n’ait jamais existé, qu’il n’ait jamais été intact, intouché par l’écriture, qu’il ait toujours été lui-même une écriture. Archi-écriture don’t nous voulons ici indiquer la nécessité et dessiner le nouveau concept; et que nous ne continuons à appeler écriture que parce qu’elle communique essentiellement avec le concept vulgaire de l’écriture. [...] Cette archi-écriture [...] elle est cela même qui ne peut se réduire à la forme de la présence.*” (DERRIDA, 1967a, p. 79; sublinhados nossos).

Ce fait intéresse ce que nous avons avancé de l'essence ou de l'énergie du γραφειν comme *effacement originnaire du nom propre*. Il y a écriture dès que le nom propre est raturé dans un système, il y a 'sujet' dès que cette oblitération du propre se produit, c'est-à-dire dès l'apparaître du propre et dès le premier matin du langage. *Cette proposition est d'essence universelle et on peut la produire apriori*. (Sublinhados nossos).

Como compreender então – na energia do *graphein* – este *apagamento originário do nome próprio*? Que consequências nos trará, ele, para a leitura do romance?

A *obliteração do próprio*: uma “suspensão do vocativo absoluto”...

Se há um “apagamento originário do nome próprio” (DERRIDA, 1967b, p. 154) é porque: qualquer nome dito *próprio* é originariamente rasurado – na sua propriedade – uma vez incorporado quer, de uma forma geral, no sistema de diferenças que a língua é, quer, mais em particular, nas atualizações que, a cada proferimento enunciativo, dessas diferenças se vai recolocando em jogo. Ou ainda, como nos diria Roland Barthes (1987, p. 165):

Segundo Jacques Derrida, cada elemento constitui-se a partir da marca que nele inscreveram os outros elementos da cadeia e do sistema. *O signo definido como marca* (esse resto de escrita que a metafísica se obstinava em não considerar) *é, portanto, originariamente derivado, impróprio*: está, como a escrita, inscrito no espaço e submetido à tensão de diversos elementos do sistema [...]. (Sublinhado nosso).

Eis, também, o caso do nome próprio. Pois ele não escapa – como se verá, dentro de instantes – a esta regra geral. O nome “dito” *próprio* não passa, de facto, de uma forma *obliterada* de referência àquele *único* que, uma vez nomeado, é deslocado de si mesmo: arrastado pelo reenvio diferencial que a língua, enquanto sistema de diferenças, pressupõe: “há escrita desde que o nome próprio é rasurado por um sistema” (DERRIDA, 1967b, p. 154). Não há, pois, nome *próprio* senão já estruturalmente rasurado: *obliterado*. E, portanto, suspenso da sua presumida *propriedade*. Pois, como observa Jaques Derrida:

Penser l'unique *dans* le système, l'y inscrire, tel est le geste de l'archi-écriture: archi-violence, perte du propre, de la proximité absolue, de la présence à soi, perte en vérité de ce qui n'a jamais eu lieu, d'une présence à soi qui n'a jamais été donnée mais rêvée et toujours déjà dédoublée, répétée, incapable de s'apparaître autrement que dans sa propre disparition. (DERRIDA, 1967b, p. 160).

Razão pela qual se deveria, então, – quanto ao nome dito *próprio* – começar por observar também aquilo a que se poderia aqui chamar a sua *impropriedade essencial*:

La non-prohibition, autant que la prohibition, présuppose l'oblitération fondamentale. La non-prohibition, la conscience ou l'exhibition du nom propre, ne fait que restituer ou découvrir une impropriété essentielle et irremédiable. Quand dans la *conscience*, le nom se dit

propre, il se classe déjà et s'oblitére en s'*appelant*. Il n'est plus qu'un *soit-disant* nom propre. (DERRIDA, 1967b, p. 156).

Dizer de um nome que ele é *próprio* supõe já colocar a descoberto a sua obliteração fundamental, para aí inscrever o movimento da *différance* – aquele que o demarcará de si mesmo. E se toda a relação de nomeação inscreve já, na marca que o nome também é, o seu reenvio diferencial, isso significa, também, que: integrada no sistema, nenhuma nomeação se pode já fazer de forma absolutamente direta, a partir dessa marca. Razão pela qual: “comunicamos sempre *na ausência e à distância*” (RAMOND, 2016, p. 38). Porque – como se lê em “Signature évènement contexte” – “*essa ausência não é uma modificação contínua da presença, é uma rotura da presença, a ‘morte’ ou a possibilidade da ‘morte’ do destinatário inscrita na estrutura da marca*” (DERRIDA, 1972, p. 375; sublinhados nossos). E o que se passa com o destinatário é o que ocorre, quer com o emissor, quer com o contexto de que a palavra, por virtude da sua *iterabilidade*, se desprende. Arrastando consigo a alteridade, a “*iterabilidade [que] estrutura a marca*” (DERRIDA, 1972, p. 375)⁷ divide-a, portanto, de si mesma, por aí fazendo passar, também, a obliteração do próprio. Razão pela qual, qualquer nomeação direta se tornaria impossível:

Car l'écriture, oblitération du propre classé dans le jeu de la différence, est la violence originaire elle-même; *pure impossibilité du 'point vocatif', impossible pureté du point de vocation*. [...] Nommer, [...] telle est la violence originaire du langage qui consiste à inscrire dans une différence, à classer, à suspendre le vocatif absolu. (DERRIDA, 1967b, p. 157; 160, sublinhado nosso).

Ou ainda, como também observaria Fernanda Bernardo, no seu *Derrida – o dom da différance*: “desde que há palavra (rastros), há já tradução (do intraduzível) – há tradução, transdução, distância e ficção” (BERNARDO, 2019, p. 74). O que significaria, pois, esta violência originária da obliteração do próprio? Muito simplesmente: a deslocadora tradução do irremediavelmente intraduzível. E, com ela, a *distância* e a *ficção* – em cada ato enunciativo. O mesmo é dizer: a suspensão do vocativo absoluto. Isto:

[...] lembrando-nos [a nós mesmos] três coisas: 1º) que “no interior de cada signo, de cada marca ou de cada traço, há afastamento, há correio [*la poste*]; 2º) que, já sempre inscrito na linguagem, é através dela, e portanto, enlutado por ela, que o pensamento vai até ao real ou até ao referente; 3º) que este luto da linguagem implica o luto de si e o luto do real ou do referente e, por conseguinte, o luto da referência, por isso sempre em *dif-re-ferencialidade*” (BERNARDO, 2019, p. 74).

⁷ “Il faut qu'elle soit répétable – itérable – en l'absence absolue du destinataire ou de l'ensemble empiriquement déterminable des destinataires. Cette – itérabilité – (*iter*, *derechef*, viendrait de *itara*, *autre* en sanskrit, et tout ce qui suit peut être lu comme l'exploitation de cette logique qui lie la répétition à l'altérité) – structure la marque de l'écriture elle-même, quelque soit d'ailleurs le type d'écriture (pictographique, hiéroglyphique, idéographique, phonétique, alphabétique, pour se servir de ces vieilles catégories. Une écriture qui ne serait pas structurellement lisible – itérable – par-delà la mort du destinataire ne serait pas une écriture” (DERRIDA, 1972, p. 375).

Que consequências se poderia daqui retirar? Em primeiro lugar, a de que a obliteração do próprio – ou a suspensão do vocativo absoluto – atravessa(m), massivamente, toda a *escrita* concebida, quer como “descoberta da alteridade” (COUTO, 2009, p. 107), quer como viagem “entre categorias existenciais” (COUTO, 2009, p. 106), uma vez subtendida pelo imperativo ético de “sermos os outros” (COUTO, 2009, p. 107) e “reacordarmos em outros corpos, outras vozes” (COUTO, 2009, p. 107). Pois:

C'est parce que le nom propre n'a jamais été possible que par le fonctionnement dans une classification et donc dans un système de différences, dans une écriture retenant les traces de différence, que l'interdit [de l'usage des noms propres, parmi les Nambikwara] a été possible, a pu jouer, et éventuellement être transgressé, comme nous allons le voir. (DERRIDA, 1967b, p. 155).

Em segundo lugar, que a escrita, aqui definida como espaçamento constitutivo da marca e, portanto, como alteridade do signo – isto a perder de vista, no processo da sua iteração, ou no incessante diferimento da presença de qualquer significado transcendental – atravessa toda a espécie de linguagem e, em particular, toda a fala, em se tratando da linguagem humana: “essa possibilidade estrutural de ser desprendida do referente ou do significado (portanto da comunicação e do seu contexto) me parece fazer de toda a marca, *mesmo sendo ela oral, um grafema em geral*” (DERRIDA, 1972, p. 378; sublinhado nosso). Posto que “não há experiência de presença pura, mas apenas cadeias de marcas diferenciais” (DERRIDA, 1972, p. 378). Razão pela qual, – como nos dirá Jacques Derrida, agora em *De la grammatologie*:

Si l'on cesse d'entendre l'écriture en son sens étroit de notation linéaire et phonétique, on doit pouvoir dire que toute société capable de produire, c'est-à-dire d'oblitérer ses noms propres et de jouer de la différence classificatoire, pratique l'écriture en générale. (DERRIDA, 1967b, p. 156).

Por essa mesma razão:

À l'expression de “société sans écriture” ne répondrait aucune réalité ni aucun concept. Cette expression relève de l'oniris-me ethnocentrique, abusant du concept vulgaire, c'est-à-dire ethnocentrique, de l'écriture [...]. (DERRIDA, 1967b, p. 156; sublinhado nosso).

Ora, o que o Avô Dito Mariano nos diz, em outra das suas cartas, é que ele aprende o que (não) sabe *por refração*. A sua aprendizagem faz-se *em dias chuvosos – através das gotas da chuva* – como ele diz ao médico goês a quem consulta: Amílcar Mascarenha. É por meio das alterações provocadas pelas diferenças de densidade refratora, próprias dos meios em que a sua visão tem lugar, que esse luto do real e da linguagem, do referente ou da referência, se inscreve no seu pensamento. Aí se declinam, então, em incessante aluimento, as certezas de um *céu* que, *em dias de chuva*, se desprende das alturas e cai sobre a terra. Disso ganha, o Avô, a sua *esperteza*:

É que eu venho da lama, pó molhado. É esta chuva, e aponte pela janela, esta chuva que não pára, já quase não nos resta mais céu. Lhe confessei um segredo, no momento: estou sempre

ganhando esperteza com a chuva. *Há coisas que só vejo através das gotas, em dia chuvoso.* (COUTO, 2004, p. 149; sublinhado nosso).

Que aprendizagem poderia ser a sua, então, senão a de um *afastamento* que – tal como aquele que ocorre com toda a *iteração* – o deixará sempre aquém de qualquer vocação absoluta? A comparação de Dito Mariano parece-nos eloquente:

Há coisas que só vejo através das gotas, em dia chuvoso. O senhor estudou nos livros e no estrangeiro. O doutor me rectifica? Não foi lá fora que o senhor estudou? Está bem mas não está certo. Os livros são um estrangeiro, para mim. Porque eu estudo na chuva. Ela é minha ensinadora. (COUTO, 2004, p. 149, sublinhados nossos).

Não se tratará, então – nessa difração da visão – já da experiência de uma certa *obliteração do próprio*? De uma certa *iterabilidade* que o abrirá, também, à “descoberta da alteridade” (COUTO, 2009, p. 107)? Porque, como também se dirá, em “Cette étrange institution qu’on appelle la littérature”, quando se trata de abordar a escrita e, no seu campo, tanto a poesia quanto a literatura: “a poesia e a literatura têm por traço comum *o suspender da ingenuidade ‘tética’ da leitura transcendental*” (DERRIDA, 2009, p. 265; sublinhado nosso). Isto, tendo em conta, nos termos de Jacques Derrida, que “transcender quereria dizer aqui ultrapassar o interesse pelo significante, a forma, a língua [...] em direção ao sentido ou ao referente” (DERRIDA, 2009, p. 263).

Trata-se de uma suspensão da “ingenuidade ‘tética’” que implicaria, portanto: “*uma experiência não tética da tese, da crença, da posição, da ingenuidade*, do que Husserl chamava a ‘atitude natural’.” (DERRIDA, 2009, p. 265; sublinhado nosso). Assim, “*a conversão fenomenológica do olhar*, a ‘redução transcendental’ que ele recomendava *é talvez a condição mesma da literatura*” (DERRIDA, 2009, p. 265; sublinhado nosso). O que suporia, aqui, no Avô Dito Mariano, graças à sua aprendizagem por refração, uma suspensão decorrente de uma *iterabilidade* da visão que o abriria, também a ele, a uma instabilizadora “descoberta da alteridade” (COUTO, 2009, p. 107) no mundo. Como se projetarão então essa suspensão – essa redução ou conversão do olhar – na missão que o Avô reserva a Mariano? Aproximemo-nos, agora, dos seus termos:

Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver. (COUTO, 2004, p. 64).

Note-se, por um lado, que a missão de Mariano começa por ser a de “colocar o nosso mundo *no devido lugar*” (COUTO, 2004, p. 64; sublinhado nosso). Trata-se, aqui, do mundo da Ilha de Luar-do-Chão que é, também, um mundo de oralidade. E, ao mesmo tempo, de “salvar a vida, *a nossa vida*” (COUTO, 2004, p. 65; sublinhado nosso): a vida dos que, em Luar-do-Chão, pertencem à família (e que serão, aproximadamente, todos os seus habitantes, pois “como se diz aqui: cada homem é todos os outros. *Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos.*” (COUTO, 2004, p. 56),

dos quais os vivos recebem ecos. Razão pela qual – podemos, agora, intuí-lo – se trataria, nesta escrita, também de uma *escritura*: “***Eu dou as vozes, você dá a escritura***” (COUTO, 2004, p. 70; sublinhado nosso). Ora, os vivos de Luar-do-Chão estão “morrendo não por doença mas *por desmérito do viver*” (COUTO, 2004, p. 64; sublinhado nosso). E tal seria o caso de Fulano Malta – pai (adotivo) de Mariano:

*Antes seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destrata-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que **ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.*** (COUTO, 2004, p. 70-71).

Para que tipo de deslocamento *topo-axiológico* se tenderia, então? Que forma de reinscrição performativa suporia, nesse deslocamento, o resgate do “desmérito do seu viver”, mediante a restauração do seu *devido lugar*? Entre a Ilha e a cidade, se avolumam as tensões de um desfazamento cuja dimensão ética possui, aqui, uma declinação familiar:

Às vezes seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congénito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa. (COUTO, 2004, p. 63).

O “desmérito do viver” era, assim, em Luar-do-chão, feito de confinamento e de medo, de ressentida raiva e de despeito. Isto no cerco que lhe é movido pela cidade, que se lhe contrapõe, na sua lógica de desenvolvimento. Pois como lembrará Jacques Derrida, em “Généralités d’une ville: mémoires, prophétie, responsabilité”, aí partindo da etimologia de Praga, “*Praha* que significa ‘limiar’” (DERRIDA, 1999, p. 114):

Une ville est un ensemble qui doit rester indéfiniment, structurellement non saturable, ouvert sur sa propre transformation, sur des augmentations qui altèrent ou déplacent aussi peu que possible la mémoire de son patrimoine. Une ville doit rester ouverte sur ce qu’elle sait qu’elle ne sait pas encore qu’elle sera: [...]. (DERRIDA, 1999, p. 110).

Ora, o espaço insular de Luar-do-Chão parece, neste sentido, absolutamente sitiado: barrado, estanque – confinado. Insuscetível de transformação? Provavelmente: a não ser que ela venha já de fora, e o projete para além dos limites que o rio lhe impõe:

*A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. [...] E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alongou da nossa existência. [...] Seu velhote passou a destrata-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que **ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.*** (COUTO, 2004, p. 65).

Como dali sair, então? Como operar o levantamento dessa fronteira, desse fundo abismo que, cavado entre as *duas almas* – as *duas gentes* desta nação – separa, neste *pequeno país* (COUTO, 2004, p. 18), o mundo da oralidade do mundo da escrita?

O ascensor da (arqui-)escrita: uma escrita na voz...

Como refazer, ali, a interrompida relação entre tais espaços senão a partir dessa sua *remarca*⁸? Como colmatar ou suprir o abismo que divide esse *pequeno país*? O conselho que o Avô Dito Mariano deixa, a Mariano, traz consigo a ideia de um reajustamento: o da sua relação filial. A relação com seu pai (adotivo), Fulano, não é unidirecional:

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. (COUTO, 2004, p. 65; sublinhado nosso).

Ora, como se entraria no coração de Fulano senão fosse já através daquilo que vimos ser a (arqui-)escrita, a morte do outro puro – a obliteração do próprio? Como se o faria senão, justamente, *reacordando no seu corpo, na sua voz*? Como teria lugar essa *remarca* do outro a envolver, aqui, uma interrogação e uma problematização do limite? Em que deveria, então, poder traduzir-se este “novo entendimento”? Vejamos:

Sempre foi um revoltado, esse Fulano Malta. No tempo colonial, ele até recusou ser assimilado. Abstinência e Último aceitaram logo, se inscreveram, preencheram papeladas. Fulano não. Para seu pai, a outra margem do rio, lá onde iniciava ser cidade, era o chão do inferno. (COUTO, 2004, p. 65-66).

Dito Mariano lê, contudo, nas entrelinhas: “tudo isso que ele dizia era como o chifre do caracol, nascia só da boca. Pois *no escondido da noite ele sonhava visitar aquelas luzes do lado de lá*” (COUTO, 2004, p. 66; sublinhado nosso). Fulano “calcava o sonho, matava a viagem ainda no ovo da fantasia” (COUTO, 2004, p. 66), em denegação do seu próprio desejo. A inscrição desse “novo entendimento” diria, pois, respeito à necessária reinscrição, no seu espírito, daquelas *luzes do lado de lá*:

⁸ A noção de *remarca* está aqui ligada, como o prefixo *re-* o sugere, à noção de iterabilidade, de repetição-deslocamento, de transporte citacional e espaçamento. Se o campo se *remarca* na cidade, é porque ela o pressupõe já, necessariamente: quer porque ela o reinscreve ou incorpora, mesmo que dissimuladamente, uma vez que a sua construção nunca teria sido possível sem a contribuição do campo, se consideramos a força braçal nela implicada, quer porque a cidade, apesar das suas diferenças, continua a não sobreviver sem o campo, que produz os elementos básicos da sua alimentação. Além disso, também um certo sentido de *iterabilidade* que fora já próprio da repetição das histórias, nas culturas de transmissão oral, se deve aqui reconsiderar, agora do lado de uma escrita em que assenta, afinal, a alfabetização cidadina. A transposição do abismo aberto entre uma e outro deve começar pela reconsideração da forma como tais elementos do campo historicamente se *remarcam* na cidade, pondo nela a descoberto, para além da sua dependência, também a sua proveniência. O que parece nela tender a inscrever uma certa memória que a modernidade, entretanto, tendeu a recalcar. Em última análise, a cidade só nos surge, tal como ela se nos afigura, por diferença *em relação* ao campo, quaisquer que sejam os aspetos aí envolvidos. Assim se *reverteria e deslocaria*, por efeito dessa dupla inscrição, a relação hierárquica entre ambos os termos, na oposição cidade / campo, a par de todas as outras. Como a de cultura / natureza, etc.

*Agora, em seu próprio filho, Fulano assistia à sua pequenez, pisava a casca desse ovo. Você o convertia em humano. Uma primeira coisa do humano é a inveja. Era o que ele sentia consigo. É isso que ele sente até agora. [...] **Você agora deve ensinar o seu pai. Lhe mostre que ainda é filho.*** (COUTO, 2004, p. 66-67, sublinhado nosso).

Eis, à primeira vista, a missão de Marianinho: *reinscrever o elo familiar*, o nexos do parentesco. Refazê-lo, deslocando-o: reinventá-lo, projetando-o para além de si próprio ou das suas limitações. Porque é, desta vez, o filho quem o deve ensinar a ser pai. Daí tratar-se, não de uma morte, mas de um *nascimento*. Toda a paternidade deve, agora, *(re)nascido deste filho, que lhe entra pelo coração adentro*. A figura da paternidade divide-se: remarca-se. O pai é tão filho do filho, quanto o filho pai de seu pai. O que lhe conta, então, o Avô Dito Mariano, em abono das suas teses?

*Lembra o caso dos livros que você trouxe e para sempre desapareceram? Pois foi seu pai que os fez desaparecer. Você trazia consigo esses livros, esses cadernos, e **ele olhava para eles como se fossem armas apontadas contra a nossa família.** Nem sabia bem o que fazia, nunca entendeu por que o fez. [...]* (COUTO, 2004, p. 66-67, sublinhado nosso).

O que fez, então, Fulano Malta?

*Levou aquela livralhada, foi com esse embrulho até ao cais. No caminho, seu pai sentiu o volume, o peso daquilo, e lhe pareceu que **atravessava distâncias maiores do que a inteira Ilha** e que desembarcava na outra margem do rio. Em vez de sustentar um peso ele ia ficando leve, cada vez mais leve.* (COUTO, 2004, p. 66; sublinhado nosso).

Não nos esqueçamos, aqui, das coordenadas fundamentais do espaço em que este movimento de travessia se anuncia: “*nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância*” (COUTO, 2004, p. 18; sublinhado nosso). O que os livros lhe fariam sentir seria o levantamento dessa fronteira: “entre um [lugar: a cidade] e outro [lugar: a Ilha] reside um infinito. *São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas*” (COUTO, 2004, p. 18; sublinhado nosso). Os livros não são, apenas, transportados. Transportam, também:

*Suspeitou de que [aquela leveza] era culpa do seu intento [de subtrair os livros]. Sentou-se, segurando a carga. Descansou para acertar o real com a realidade. Porém mais e mais a leveza [dos livros] o atingia. **Foi mesmo assaltado por súbita visão: ele esvoava, cruzando nos céus com outros homens que, em longínquas nuvens, também sobraçavam livros.*** (COUTO, 2004, p. 66, sublinhado nosso).

À maneira de um Chagall – ou de um Magritte... – *esta visão supõe já uma reinscrição do mundo da oralidade no mundo da escrita*. Fulano Malta – que é, tal como o Avô Dito Mariano, analfabeto: “meu pai, que eu soubesse, nunca tinha redigido nem assinatura completa” (COUTO, 2004, p. 126)... – “esvoa”, por força da imaginária e aerodinâmica motricidade dos livros, *elevado* pela sua perturbante leveza.

Que leveza? Aquela com que a escrita nos induz à *descoberta da alteridade*, à vibração diferencial da voz, à obliteração do próprio. Pois que uma certa *iterabilidade* do rastro aqui se vem a inscrever para, dividindo-o já de si próprio, lhe abrir o campo de uma dupla inscrição. Posto que ele se vê: “cruzando os céus com outros homens que, em longínquas nuvens, também sobraçavam livros” (COUTO, 2004, p. 66). Fulano:

Correu até ao cais e antes que subisse pelos céus gaivoteando sem direção, lançou os livros todos ao rio. Mas, porém: *os cujos livros não se afundaram. Demoraram-se na superfície, como se resistissem às fundezas, as páginas abertas agitando-se como se fossem braços. E seu pai, no desvaio do medo, o que viu foi corpos sem vida, náufragos ondeando na respiração do rio. E fugiu aterrorizado.* (COUTO, 2004, p. 67).

*Unheimlich*⁹ – diria Freud... Como se os livros fossem, também eles, gente... Mas que gente – senão, afinal, ele mesmo? Que gente senão um sujeito consigo próprio desavindo, que também com outros homens se cruzaria, ele igualmente *sobraçando livros, esvoando pelos mesmos céus*? Esses livros, que(m) seriam eles senão alguém com quem – à semelhança de seu próprio filho (de quem se procurara defender, ao desfazer-se dos livros) – ele viria a descobrir-se, também ele, como outro? A visão de Fulano parece-nos já indutora do sentido daquele *devido lugar* que, ao mundo dos habitantes da Ilha, para resgatá-los do *desmérito* do seu viver, seria, agora, preciso restituir. Posto que era, antes de mais, preciso reconhecê-los como parte integrante da memória de uma cidade que, afinal, se não construiria nunca sem os seus esforços. Repetido pelos homens que, também sobraçando livros, com ele se cruzavam por aqueles céus, Fulano repete-os, por sua vez, na sua agora *dupla inscrição*: simultaneamente por fora e por dentro da (arqui-)escrita, como já acontecia com o Avô Dito Mariano. E se, como nos diz Jacques Derrida:

Nas minhas leituras, tento pois, através [...] desse duplo jogo, marcado em certos lugares decisivos por uma rasura que deixa ver o que ela oblitera, *inscrevendo violentamente no texto o que tentava comandá-lo do exterior, tento respeitar o jogo interior e regulado desses filosofemas ou epistememas fazendo-os deslizar sem os maltratar até ao ponto da sua não pertinência*, do seu esgotamento, do seu fechamento. (DERRIDA, 1974, p. 14, sublinhado nosso).

A pergunta deveria então ser: *que oposições se faria aqui* – nesta história do sumiço dos livros de Mariano – *deslizar até ao ponto da sua não-pertinência*? Que oposições senão, justamente, as dos pares

⁹ O ensaio de Freud a que aqui nos reportamos é “O sentimento de algo ameaçadoramente estranho”, onde se lê, a dada altura: “não são apenas os conteúdos impróprios, na perspetiva da crítica do ego, que podem ser incorporados no duplo, mas também *todas as possibilidades não concretizadas do destino, às quais a fantasia deseja manter-se agarrada, e todas as ambições do ego que não se realizaram em consequência de adversidades externas, bem como todas as decisões da vontade reprimidas, que produzem a ilusão do livre arbítrio*” (FREUD, 1994, p. 224; sublinhado nosso). Segundo a hipótese de Freud, uma certa compulsão à repetição – que descreveria o mais próprio das pulsões – se investiria nesta cena do duplo, em que o inconsciente se torna exterior ao sujeito, enquanto referente a um certo retorno do recalado. O que o fará observar, com a sua habitual prudência: “apenas aqui posso indicar [...] de que modo o sentimento de algo ameaçadoramente estranho produzido pelo retorno do que é semelhante deriva da vida psíquica infantil. No inconsciente é possível reconhecer o domínio da compulsão à repetição, que provém dos movimentos pulsionais” (FREUD, 1994, p. 226).

oral / escrito; Ilha (de Luar-do-Chão) / cidade; Malilanes / Marianos? Não se suporia aí – para além do resgate do mundo da oralidade pelo de uma escrita que o escuta – também a alegoria, ética e política, de uma operação de bastante maior alcance? Que tipo de operação? A da reconciliação das *duas gentes*, *duas almas* daquele “pequeno país” (COUTO, 2004, p. 18), de si mesmo dividido. Recebido pela Avó Dulcineusa, Mariano tivera já, dessas tensões, uma primeira indicação:

– *Hão-de vir outros, os da família de Mariano. Virão buscar as coisas, disputar os dinheiros. / – Havemos de falar com eles, Avó. / – Você não conhece os da sua raça, meu filho. Eles olham para mim e vêem uma mulher. Sou uma viúva, você não sabe o que é isso, miúdo. Ser-se velha e viúva é ser merecedora de culpas.* (COUTO, 2004, p. 34).

Culpas de quê, no entanto? De ser “autora de feitiços. O estado moribundo de Mariano seria obra de Dulcineusa. De repente a Avó se converteria numa estranha, intrusa e rival” (COUTO, 2004, p. 34). Eis aquilo de que os da sua raça seriam capazes: introduzir a insídia e instalar a suspeita; abrir, no seio da família, a fratura e a dissensão, para aí fazer funcionar os preconceitos da tradição a seu favor, na sua disputa do espólio do falecido, dos bens ou dos dinheiros por ele deixados. O mundo da cidade é, portanto, o de uma outra “raça” (COUTO, 2004, p. 34) moral, segundo a Avó Dulcineusa:

– *Não os quero aqui, ouviu, Mariano? / – Escutei, sim. / – Você é quem o meu Mariano escolheu. Para me defender, para defender as mulheres, para defender a Nyumba-Kaya. É por isso que lhe entrego a si essas chaves.* O suor escorre no peito da matriarca, as gotas se apressam no abismo entre os volumosos seios. (COUTO, 2004, p. 34).

Mas os da raça de Marianinho também ali estavam presentes: no quarto em que esta cena tem lugar. Embora em silêncio, por ser ao Tio Abstinência, o irmão mais velho, que cabe falar... Silencioso estava, de facto, o mais novo dos filhos: Último, cujo contraste, com Fulano Malta, não poderia ser maior. Porque:

Meu pai, por exemplo, tinha a alma à flor da pele. Já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial. Mesmo internado na Ilha, nos meandros do rio Madzimi, meu velho Fulano Malta transpirava o coração em cada gesto. (COUTO, 2004, p. 16).

O que supunha uma diferença profunda, em relação a Último:

Já meu Tio Último, o mais novo dos três, muito se dava a exhibir, alteado e sonoro pelas ruas da capital. *Não frequentara mais a sua ilha natal*, ocupado entre os poderes e seus corredores. (COUTO, 2004, p. 16; sublinhado nosso).

Da (im)propriedade do mundo: a disjunção dos espaços-tempos...

Mas, se “nenhum dos irmãos se dava, cada um em individual conformidade” (COUTO, 2004, p. 17) Fulano parecia, apesar de tudo, partilhar, com Abstinência, um certo sentido da propriedade. O que os fará oporem-se a Último. Com efeito:

[...] ao mínimo pretexto, Abstinência se dobrava, fazendo vénia no torto e no direito. Não é respeito, não, explicava ele. É que *em todo o lado, mesmo no invisível, há uma porta. Longe ou perto não somos donos mas simples convidados*. A vida, por respeito, requer constante licença. (COUTO, 2004, p. 16, sublinhado nosso).

Embora de um caráter muito diferente – pelo seu temperamento impulsivo, intempestivo e modos desafrontados – Fulano com ele coincidia, neste seu sentido da propriedade. O que se torna claro quando – ao saber das tentativas de persuasão de Mariano, por parte de Últímio, para a venda das propriedades herdadas do Avô Dito Mariano – Fulano Malta se mostra implacável:

– *Venha comigo ao bar do Tuzébio. Preciso aquecer a goela*. Pelo caminho, vou-lhe relatando o encontro com Últímio. Meu pai reage com fúria. Vocifera. / – *Últímio é um satanhoco!* / – *Não fale assim pai. Últímio é um nosso tio, temos que juntar a família, num momento destes*. / – *Isso é conversa coçada. Aqui chamamos essas falas de cuspo de vespa*. (COUTO, 2004, p. 167-168).

Mariano assumia já o seu papel de conciliador, pondo em prática os conselhos do Avô. Tratava-se, como atrás se viu, de salvar a família, “que é o lugar onde todos somos eternos” (COUTO, 2004, p. 70). Mas a analogia entre a “conversa coçada” e o “cuspo de vespa” sustenta o que nos parece, aqui, ser uma advertência. Porque as vespas matam as suas presas com a injeção letal de uma neurotoxina cujo teor e intensidade variam, consoante as espécies¹⁰. Daí o conselho de Fulano Malta:

Eu que não me desperdiçasse, Últímio não merecia. Porque esse meu Tio, sua mulher e seus filhos se guiavam era por pressas e cobiças. Queriam muito e depressa. E se sucediam aos colonos: olhavam uma terra e já estavam pensando: quem dera que fosse minha. *Do que se sabe, porém: a terra não tem posse. Não há dono vivente*. (COUTO, 2004, p. 168, sublinhado nosso).

Pois, como se sabia, “os únicos fiéis proprietários [da terra] são os mortos, esses que moram lá” (COUTO, 2004, p. 184). E acrescentava: “como o Avô que estava prestes a tomar posse do chão” (COUTO, 2004, p. 184). Últímio, pelo contrário, exasperava-se com o tempo que perdia em Luar-do-Chão, à espera do funeral do pai, sem o qual não podia, de resto, dar livre curso às suas ambições:

– *O que pode acontecer agora, doutor? Ele reanima, volta à vida? Ou começa por aí a apodrecer?* / – *Não sei, nunca vi um caso destes...* / *Não sabe, não sabe* – reclama Últímio. [...] – *Mas eu preciso de definir a minha vida, tenho coisas a fazer lá na capital, os meus negócios, [...]. Não podemos ficar aqui uma eternidade à espera que o pai morra de vez. Olha, para mim ele já está morto. Sempre esteve morto*. (COUTO, 2004, p. 40, sublinhado nosso).

¹⁰ Já na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, se podia ler, sobre as vespas: “Assim, estes himenópteros conseguem, em curto tempo, picar várias vezes sucessivas, diminuindo no entanto, de cada vez, a quantidade de veneno injetado. A picada é geralmente dolorosa, nos seres humanos [...] provocando por vezes perturbações que, em raros casos, podem ser mortais”, (VESPA, 1945, p. 797).

Para apressar o processo do seu enterro, convinha tirá-lo dali:

– *Se calhar o melhor é levá-lo para a morgue. / – Qual morgue? / Aqui nem hospital há. / – Mas o pai não pode ficar assim, nem se enterra nem ressuscita. Podíamos, por exemplo, colocá-lo na câmara frigorífica da Pesca-Mar. / – Desculpa, Último, mas não estou a ver o pai no meio de corvinas, garoupas e camarão. Então é que ele morria de vez...* (COUTO, 2004, p. 41).

Último estava, portanto, disposto a tudo, para se livrar da presença do velho Mariano. O que tinha em mente? Vender a *Nyumba-Kaya* – a casa do clã e a extensão dos seus terrenos:

– *Ainda bem que o encontro, sobrinho. Assim, a sós. Último logo se espraia no cadeirão da varanda [da casa de Fulano, de onde Mariano lhe diz que o pai está ausente]. E fica um tempo a medir a extensão do mundo. / – É bonito, não é, Tio? / – Bonito? Isto tudo tem um valor. Que eu não sabia, mas havia gente rica, algibeiroso, olhando com cobiça para a nossa Ilha.* (COUTO, 2004, p. 63).

O negócio interessava-lhe, pois:

Pelo seu gabinete passavam gulosos requerimentos. E ele não dormia de olho fechado. Já havia dado despacho a investidores interessados em iniciar em Lua-do-Chão um negócio de minas, pesquisa de areias pesadas. E até já havia apalavrado a nossa casa, a *Nyumba-Kaya*, prometido terras familiares. / – *A nossa casa, Tio? Vender a Nyumba-Kaya?* (COUTO, 2004, p. 63).

Mariano procurava lembrar-lhe as recomendações do Avô Dito Mariano: “– *Mas a casa, lembra o que dizia o Avô? [...] – Vou pensar, Tio, vou pensar...* (COUTO, 2004, p. 63). Último sente-se, em Luar-do-Chão, como um corpo estranho, num espaço agreste, inóspito: “O Tio Último parece desconfiado. *Se ocupa em pisar cauteloso, evita areia, saltita sobre charcos*” (COUTO, 2004, p. 69; sublinhado nosso). E, Mariano virá a surpreendê-lo, mais tarde, “debitando colóquio com o Avô” (COUTO, 2004, p. 165):

– *Está falando sozinho com o Avô, Tio Último?* / Ele se surpreende e demora a retomar a voz. [...] Passa a mão pelas paredes, recolhe tinta levantada pela humidade: / – *Está a ver o que fizeram? Destroem tudo, esta malta dá cabo de tudo. Quem mandou destruir a merda do tecto?* Último sabia que era obediência de tradições. (COUTO, 2004, p. 150-151).

“Mas – se ele o dizia, observa Mariano... – era porque ‘não aceitava que eu, moldado e educado na cidade, não me opusesse¹¹. Para ele, aquilo – o que provinha das tradições – era obsoleto. Outros valores se avolumavam” (COUTO, 2004, p. 151). Assim:

¹¹ O que aqui está em causa é o levantamento de uma censura estrutural. Aquela em que assenta o paradigma cidade / campo; moderno / antigo; o presente / passado; o urbano / rural; o letrado / analfabeto. Não se opor significa, aqui, transgredir a lei do paradigma histórico e ideológico que, em Último, os dissocia e os desnivela. E esse procedimento de não-oposição é

Confessa, então, o tio a sua ambição. Ele quer desfazer-se da casa da família. E vender Nyumba-Kaya a investidores estrangeiros. Ali se faria um hotel. / – *Mas esta casa, Tio... / – Aqui só mora o passado. Morrendo o Avô para que é que interessa manter esta porcaria? [...] Problema é esse velho que não se despacha. E esse médico que não se decide...* (COUTO, 2004, p. 151).

As suas ambições não se ficavam pelo hotel, pois tencionava: “ficar com os terrenos, até quer instalar um casino na Ilha com vastos terrenos em seu redor” (COUTO, 2004, p. 152): “– *Mas aqui há gente morando! / – Gente? Ah, estes... [...] Vai-se ver, vai-se ver.*” (COUTO, 2004, p. 152-153). O contraste com Fulano não podia ser maior:

Na entrada da casa, sobre uma armação suspensa em troncos de cimbire, está pendurada uma gaiola. Aquilo me dá um aperto no coração. / – *Ainda se lembra? / – Lembro, pai. Sempre o pai pendurou gaiola na varanda. Mas sempre estava vazia. / – Nunca consegui meter nada lá dentro – riu-se Fulano. Meu pai esperava que, voluntário, um pássaro viesse e se alojasse na jaula.* (COUTO, 2004, p. 62).

Interessante é, contudo, a observação de Mariano: “a mania, antiga, não passara. *A gaiola metaforizava o seu destino, essa clausura onde ave nenhuma partilhara da sua solidão*” (COUTO, 2004, p. 62, sublinhado nosso). Nenhuma ave. Nem mesmo ele, Mariano, que era, afinal, filho dos clandestinos amores do Avô, de quem ele escuta:

A sua tarefa é repor as vidas, direitar os destinos desta nossa gente. Cada um tem seus segredos, seus conflitos. Lhe deixarei conselho para guiar as condutas dos seus familiares. Não será só nas cartas. Lhe visitarei nos sonhos, também. Para você conhecer os dentro de seus parentes. É que todos, aqui, são seus parentes. Ou pelo menos seus equiparentes. (COUTO, 2004, p. 126).

Ora, quem são esses parentes? O Avô elenca-os:

Seu pai, com suas amarguras, seu sonho coxeado. Abstinência com seus medos, tão amarrado a seus fantasmas. Último, que não sabe de onde vem e só respeita os grandes. Sua Tia Admiração que é alegre só por mentira. Dulcineusa com seus delírios, coitada. Mas, lhe peço, comece por Miserinha. [...] Ela deve pertencer-nos. (COUTO, 2004, p. 126).

Mas a família estende-se, como aqui se vê, a Miserinha – outra das mulheres da vida do Avô Dito Mariano, cuja defesa caberia a Mariano. Que viera com ela, de barco, para Luar-do-Chão. Miserinha sentara-se perto. E, sentindo-se observada, pergunta-lhe:

bem o procedimento desconstrutivo da *remarca* e, por conseguinte, da *escrita* – enquanto suspensão das oposições em que o sentido, de uma forma geral, assenta. Roland Barthes observa, no seu *O Grau Zero da Escrita*: “De um modo muito geral, a *neutralização* representa uma espécie de pressão do sintagma sobre o sistema e sabemos que o sintagma, próximo da fala, é dentro de certa medida um factor de defecção do sentido; os sistemas mais fortes (como o código da estrada) têm sintagmas pobres [...]”. E, mais adiante: “basta suprimir a barra de oposição paradigmática para obter um sintagma estranho [...]: esta supressão repentina da barra é bastante semelhante ao levantamento de uma espécie de censura estrutural” (BARTHES, 1981, p. 143-144, sublinhados nossos).

– *Está-me a olhar o lenço? Este lenço fui dada na cidade. Agora é meu. Ajeita uma vaidade na cabeça, saracoteando os ombros. [...]* / – *Me chamo Miserinha. É nome que foi dado, mas não da nascença. Como esse lenço eu recebi.* De novo a sua atenção poussa no Tio [Abstinência]. Seu olhar parece mais um modo de escutar. (COUTO, 2004, p. 19).

O seu nome – tal como o adereço que, ela, vaidosamente, exhibia – nada tinha de *próprio*. Miserinha não era, (im)propriamente falando, senão um nome *dado*: como todos os “nomes próprios”! Não nascera com ela. Como *escutava* ela, *enquanto olhava*?

A velha coloca a mão sobre a testa, cortinando os olhos, atenta aos tintins dos gestos de Abstinência. / – *Esse homem vai carregado de sofrimento.* / – *Como sabe?* / – *Não vê que só o pé esquerdo é que pisa com vontade? Aquilo é peso do coração.* Explica-me que sabe ler a vida de um homem pelo modo como ele pisa no chão. (COUTO, 2004, p. 20).

Porque, adianta: “*A terra tem suas páginas: os caminhos. Está-me entendendo?*” (COUTO, 2004, p. 20). Ora, a formação universitária de Mariano levaria o seu tempo a entendê-la. Pelo que lhe responde: “– *Mais ou menos.* / – *Você lê o livro, eu leio o chão*”¹² (COUTO, 2004, p. 20), explica ela. Miserinha era, de resto, daltónica:

– *Não vejo nenhuma cor. [...]* – *Já não vejo brancos, nem pretos.* Se conformara. Afinal, não é o cego quem mais espreita à janela?¹³ Lhe fazia falta, sim, o azul. Porque tinha sido a sua primeira cor. Na aldeiazinha onde crescera, o rio tinha sido o céu da sua infância. *No fundo, porém, o azul nunca é uma cor exacta. Apenas uma lembrança, em nós, da água que já fomos.* (COUTO, 2004, p. 20; o último sublinhado é nosso).

Não seria, afinal, também esta, a lição aprendida por Fulano Malta – ao *esvoar* por aqueles céus, sobraçando livros? Ou, ainda, a lição do Avô Dito Mariano, quando atrás nos diz que *a chuva*, em que o céu se dilui, *é a sua ensinadora*? E isto, como vimos, numa experiência enlutada quer do real (ou do referente), quer do pensamento e da linguagem?

Sabe, Mariano? Quando você nasceu eu lhe chamei água. Mesmo antes de ter nome de gente, essa foi a primeira palavra que lhe deitei: Madzi. E agora lhe chamo outra vez de “água”. Sim, você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver. [...] (COUTO, 2004, p. 238; sublinhados nossos).

¹² É em “Quebrar Armadilhas” que se pode ler: “Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de desperta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não lêem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros.” (COUTO, 2009, p. 109).

¹³ A figura deste cego *à janela* recorda-nos esta passagem de “Que África escreve o escritor africano?” (COUTO, 2005, p. 59; sublinhado nosso): “o escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. E é isso que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe desta condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade”.

Mas se, mesmo dentro de si, o Avô escuta o rio, como decidir, então, quanto à sua diferença do neto? Como fazê-lo senão pela lógica suplementar da relação com o Avô? “*Afinal, tudo o que escrevi foi por segunda mão. A sua mão, a sua letra, me deu voz. Não foi senão você que redigiu estes manuscritos*” (COUTO, 2004, p. 238). Mariano era, pois, a presença sem presente da voz de seu cataléptico Avô. Que era, por sua vez – como veremos daqui a instantes – *a voz da terra, o sotaque do rio*. Posto que Mariano *supre*, com o gesto (cali)gráfico da sua mão, a presença sem presente da voz antiga que, sem ele, permaneceria inaudível. Relação suplementar que, assim, remontaria, através de seu Avô, à anterioridade irrestituível de um passado já imemorial. Posto que, como dirá o Avô: “*não fui eu que ditei [as cartas] sozinho. Foi a voz da terra, o sotaque do rio*” (COUTO, 2004, p. 238, sublinhado nosso). Não escutaria, ele, agora o mesmo azul que Miserinha? E quando o Avô, no final, lhe diz:

Já passou o meu momento. Você está aqui, a casa está sossegada, a família está aprontada. Já me despedi de mim, nem eu me preciso. Vai ver que, agora, se vão desamarrar as águas, lá no alto das nuvens. Vai ver mais como a terra se voltará a abrir, oferecida como um ventre onde tudo nasce. (COUTO, 2004, p. 238, sublinhado nosso).

Não o dirá porque reconhece que Mariano está a ser bem sucedido, na sua reconciliadora missão? Até Último lhe diz, por essa altura – acamado por ter sido colhido pelo incêndio do barco em que se transportavam as madeiras que, produzidas pela desflorestação da Ilha, diziam respeito aos seus negócios – para espanto de Mariano:

– Gostava que você fosse meu filho, Mariano. [...] Não sou uma pessoa feliz, sobrinho. Meus filhos, eu nem sei onde eles foram buscar aquelas maneiras... [...] Lembra de Juca Sabão? Pois há quem pense que foram meus filhos que o balearam. / – E o tio o que é que pensa? / – O que eu penso? Eu sou pai, Mariano. Um pai que gostaria de ter um filho como você. (COUTO, 2004, p. 216).

Referências

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de elementos de semiologia*. Tradução de Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BARTHES, Roland; MAURIÈS, Patrick. Escrita. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. v. 11: Oral/escrito, Argumentação, p. 165.
- BERNARDO, Fernanda. *Derrida: o dom da différance (desconstrução - pensamento - literatura)*. Coimbra: Palimage, 2019.
- COUTO, Mia. Que África escreve o escritor africano? In: COUTO, Mia. *Pensatempos*. Lisboa: Caminho, 2005. p. 59-63.
- COUTO, Mia. Quebrar armadilhas. In: COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras inter(in)venções*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2009. p. 101-112.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Lisboa: Caminho, 2004.

- DERRIDA, Jacques. *Dar a morte*. Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, Jacques. Implicações: Diálogos com Henry René. In: DERRIDA, Jacques. *Posições: semiologia e materialismo*. Tradução de Margarida Barahona. Lisboa: Plátano, 1974. p. 9-12.
- DERRIDA, Jacques. L'écriture avant la lettre. In: DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967a. Parte 1, p. 11-103.
- DERRIDA, Jacques. Nature, culture, écriture. In: DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967b. Parte 2, p. 141-196.
- DERRIDA, Jacques. Signature évènement contexte. In: DERRIDA, Jacques. *Marges de la philosophie*. Paris: Minuit, 1972. p. 365-393.
- DERRIDA, Jacques; ATTRIDGE, Derek. Cette étrange institution qu'on appelle la littérature. In: DUTOIT, Thomas; ROMANSKY, Philippe (ed.). *Derrida d'ici, Derrida de là*. Paris: Galilée, 2009. p. 253-292.
- DERRIDA, Jacques; BERGER, Anne. Dialangues. In: DERRIDA, Jacques. *Points de suspension*. Paris: Galilée, 1992. p. 141-164.
- DERRIDA, Jacques; MALABOU, Catherine. Villes. In: DERRIDA, Jacques; MALABOU, Catherine. *La contre-allée*. Paris: La quinzaine Littéraire, 1999, p. 110-122.
- FREUD, Sigmund. O sentimento de algo ameaçadoramente estranho. In: BASTOS, Gabriel Pereira (org.). *Textos essenciais sobre literatura, arte e psicanálise*. Tradução de Margarida Barreto. Lisboa: Europa-América, 1994. p. 209-242.
- JUNOD, Henri. Religion. In: JUNOD, Henri. *The life of a South-African Tribe*. Neuchatel: Attinger Frères, 1913. p. 346-411. v. 2: The psychic life.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Horizonte, 2003. v. 2.
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. Subtipos de Conjunções e nexos coordenativos. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática de Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 566.
- MEILLET, Antoine; ERNOUT, Alfred, no seu *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksiek, 2020.
- RAMOND, Charles. *Dictionnaire Derrida*. Paris: Ellipses, 2016.
- VESPA. In: AAVV. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1945. v. 34, p. 796-800.

Recebido em 9 de junho de 2023.

Aprovado em 14 de julho de 2023.

Resumo/Abstract

Mia Couto: uma *escrita na voz* – aprendendo com a chuva...

José Paulo Pereira

A nossa leitura de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, da autoria de Mia Couto, tem o seu foco na conceção de *escrita* que, da singular correspondência entre as personagens do Avô Dito Mariano e Mariano, o neto que lhe herda o nome, se desprende. A nossa questão condutora refere-se, por um lado, à *dupla inscrição* de Dito Mariano, a respeito dessa escrita: simultaneamente por fora – sendo ele analfabeto... – e por dentro – mas num sentido que julgamos derrideano. As premissas da noção de escrita de Mia Couto, expostas em *E se Obama fosse africano?* são, por seu lado, compatíveis, com as posições de Jacques Derrida, contidas em livros como *Posições*, *De la grammatologie*, *Marges – de la philosophie* ou *Points de suspension* sobre uma certa *escrita na voz*, uma *arqui-escrita* que nos deve ajudar a reconsiderar a posição da oralidade, na sua diferença em relação à escrita corrente.

Palavras-chave: (arqui-)escrita, voz, obliteração do próprio, *différance*, marca.

Mia Couto: a *writing in the voice* – learning from the rain...

José Paulo Pereira

My reading of *A river called time*¹⁴, a novel by Mia Couto, aims at the analysis of the peculiar conception of *writing* that emerges from Grandfather Dito Mariano mysterious letters to his grandchild Mariano, who had inherited his name. Our leading question is thus referred, on one hand, to the *double inscription* of Dito Mariano's position, concerning writing: simultaneously outside – not knowing how to write... – and inside of it, in a derridean sense. The premises of Mia Couto's notion of writing, as exposed in *And if Obama was African?* are compatible, on the other hand, to Jacques Derrida's own terms, in books like *Posições*, *Of Grammatology*, *Margins – of Philosophy*, and *Points de suspension*, about a certain *writing in the voice*, an *arche-writing* that should help us to reconsider oral tradition's position, in its difference from writing in its metaphysical sense.

Keywords: (arche-)writing, voice, obliteration of the proper, *différance*, mark.

¹⁴ That is, in fact, the title of the English version of the novel, as it is translated by David Brookshaw.